

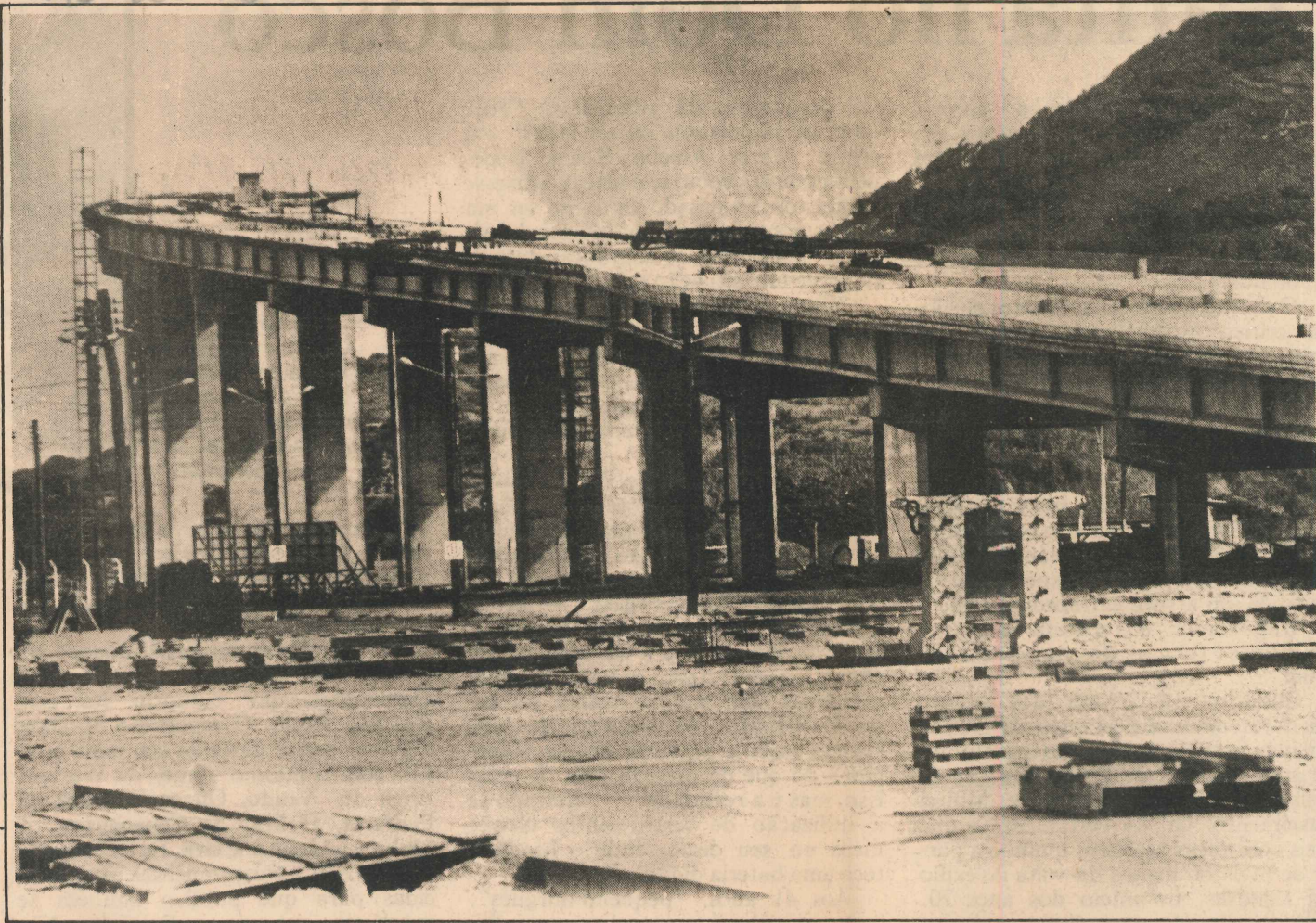
Considerações sobre a Terceira Ponte

"I like the dreams of the future better than the history of the past". Thomas Jefferson

Arquivo AT

AJ12516

João Miguel Feu, Rosa



Frequentemente, na Assembléia Legislativa, ao se justificar o atraso no pagamento do funcionalismo e outras atribuições do Governo Estadual, deputados do PMDB lembram algo como a necessidade periódica de haver desembolsos da ordem de 2,0 a 3,0 bilhões de cruzeiros para amortizar ou pagar juros de uma dívida contraída em torno de US\$ 30 milhões, levantados para dar início à construção da terceira ponte em época do Governo Elcio Álvares. Alguns acrescentam que "aquela estrutura existente, apodrecendo, sem servir para nada atesta a orgia dos governantes do PDS, que não souberam usar o dinheiro do povo e que alguns, menos desavisados, até pensam que é uma rampa para lançamento de mísseis", etc. É a terceira ponte, iniciada, é o principal alçoz pelo impiedoso atraso no pagamento do funcionalismo. Como tal atraso está se avolumando dia a dia, mais é enfatizada a culpa da ponte e do Governo Elcio Álvares...

Considerando podridão à parte, podem ficar tranquilos os atuais detentores do poder estadual que as instalações construídas da citada ponte, em sua grande maioria, durarão muitos anos, o quanto se preveria para a vida útil do empreendimento. Se o realizado foi bem feito (como aparenta) sob o ponto de vista estrutural, certamente não deverá haver problema futuro algum. Praticamente todo o concreto utilizado foi premoldado, o que mais provavelmente impede as infiltrações normais e faz com que exista proteção muito forte a trincas, rachaduras, novas infiltrações, mais trincas e a ruína dos materiais. Como não tem havido manutenção (limpeza, alguma pintura, etc.) e a poluição do lugar é destacável (à jusante de Tubarão), resulta no aspecto de construção velha, sombria. Mas, estruturalmente, o que até agora existe da terceira ponte deve estar completamente sem danos substanciais. No que tange à ferragem, também não deve haver quaisquer problemas, apesar do ambiente ser bastante agressivo (maresia), pois após certo tempo de ocorrência da oxidação cria-se uma película de aproximadamente 1/16 de polegada onde, a partir daí, esta passa a proteger o material com função estrutural que já é superdimensionado, não o prejudicando de fato. Logo, do que está à vista, do realizado, quase tudo será aproveitado plenamente, não está "apodrecendo" nem "estragando" como matéria orgânica. A força das palavras e das expressões pode ser patética mas a realidade prevalece à retórica.

Os prejuízos com a paralisação da terceira ponte advêm, afora outros itens, do deslocamento dos equipamentos, materiais não utilizados (que não temos informações concretas), quebra do ritmo de trabalho da mão de obra que já se encontrava nos canteiros de obra e, evidentemente, os custos financeiros (que obrigatoriamente teriam que ser

pagos mas sem a obra estar pronta tornam-se insuportavelmente dramáticos). No geral, o que vemos instalado constitui um patrimônio do Estado, que aguarda ansiosamente pelo término. Não sabemos que fim teve a antiga Ceterpo (Comissão da Terceira Ponte); se houve desembolsos para os fiscais, engenheiros, diretores, durante todo esse período de paralisação. Acredito que seria dispensável a tal Ceterpo pois não estaria cumprindo as principais finalidades a que foi destinada. Para garantir o patrimônio estadual sem mais ônus creio que alguns vigias em tempo integral seriam suficientes.

Então há de se arguir: houve crime em se iniciar a terceira ponte? Foi um ato desastroso e inominável? Eu não acho, pelas seguintes razões:

1) A rigor, cerca de 15 anos atrás, alguns estudiosos do assunto aventavam a hipótese de desnecessidade de mais pontes ligando Vitória ao continente Sul (além da Florentino Avidos que se cogitava em alargar). Existem regiões no mundo em que soluções mais baratas são utilizadas com razoável sucesso (ao invés das tradicionais pontes, como conhecido) para transportar volume maior de passageiros e carga do que Vitória-Vila Velha. Mas nosso povo não tem hábito de baldeação; existe suspeita no uso de pequenos barcos; chatas para transporte de carga não fariam nosso gênero; re-estruturação completa do transporte urbano da região: propagar inúmeros pontos de atracamento de barcas, e assim por diante, enfim, medidas que até sua adaptação causariam muito desconforto e em contrapartida o hábito e a

comodidade do automóvel para a classe média pendeu a solução para as pontes tradicionais. Em resumo, por problemas culturais que não cabem analisar aqui, as pontes foram surgindo naturalmente.

No entanto, grande parte de quem possuía alguma informação já sabia que precisaríamos de uma ponte ligando Vila Velha às proximidades da Praia do Suá (como foi comentado nos jornais da época). O que não se sabia é que ela seria algum dia a **terceira ponte**.

Apesar do discutido, edificou-se a segunda ponte quando talvez com um pouco de boa vontade fosse aconselhável a mesma ser no lugar da hoje discutida terceira. De qualquer modo foi construída onde está, fez-se o possível e isto foi ótimo. A despeito de ter sido uma obra vultosa e custosa em termos do Espírito Santo, o que ocorria no resto do Brasil considerava-se bom modelo e afinal, não temos que aprender a pensar grande? Não é a história pátria plena de fatos que provam ser Afonso Celso detentor de Ibope bem superior aos de Oliveira Lima, Alberto Torres ou Eugênio Gudim?

2) Logo após inaugurada a segunda ponte já estava encravada na idéia do capixaba a perspectiva da terceira. O governador Elcio Álvares sonhou (nos sonhos começam as responsabilidades) e materializou algo praticamente aceito por todos da região. Vitória e Vila Velha deveriam se unir indelevelmente de fato mesmo apesar dos ilhéus não terem concordado plebiscitariamente, se bem que por margem mínima, de direito. Se existia necessidade da obra ela teria que ser começada e o foi.

3) Ao horizonte de hoje, ninguém pode ser contra o término da terceira ponte — que o digam os habitantes de Vila Velha, Centro e cercanias, moradores fronteiriços da Rodovia do Sol e, mesmo de Vitória, Serra e Norte do Estado. Evidentemente todos esperam pela conclusão da terceira ponte, ansiosamente, por razões múltiplas: facilidades de transporte, valorização dos imóveis, proximidade físico-econômica da Capital, integração social, cultural e política de Vitória-Vila Velha e outros fatores. A terceira ponte terminada transformará a Grande Vitória em metrópole.

O Governador Eurico Rezende, apesar de tentativas extremamente sólidas não conseguiu recursos ou meios para dar continuidade ao trabalho começado. E o Governo atual parece, através da manifestação de inúmeras de suas lideranças, ter interesse em não fazer nenhuma demarche visando continuação e possível fim da obra — afinal é uma excelente desculpa para o atraso do pagamento do funcionalismo público estadual.

É interessante acentuar que as obras instaladas da terceira ponte só serão um mal se ela nunca for terminada. E nunca é muito tempo...

E nós estamos cientes que, bem antes será dada àquele que a iniciou oportunidade de concluir seu grande sonho.

João Miguel Feu Rosa é deputado federal pelo PDS e professor do curso de Engenharia na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)